

OS DIFERENTES USOS DO ESPORTE EM SITUAÇÕES DE MOBILIZAÇÃO MILITAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS E ESTADUNIDENSES NO CONTEXTO DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA

Karina Cancella¹

Resumo: O presente artigo pretende discutir as relações estabelecidas entre as Forças Armadas (FA) de Brasil e Estados Unidos da América e as práticas esportivas no contexto da Primeira Grande Guerra. Adotando a abordagem “Contraste de Contextos” da História Comparada (SKOCPOL; SOMERS 1980) e colocando em diálogo os campos da História do Esporte e da História Militar, este trabalho analisa os usos e aplicações do esporte em diferentes momentos de mobilização militar para o conflito. O *corpus* documental selecionado para esta pesquisa compreende fontes das categorias documentais e impressas, pois foram as que se apresentaram mais proficuas para as discussões propostas (PINSKY, 2006). Após as análises, mostrou-se possível considerar que o esporte assumiu diferentes papéis entre os militares dos dois países de acordo com as necessidades de cada uma das instituições em seus contextos específicos de atuação. Seja como ferramenta utilitária de preparação do corpo e desenvolvimento de habilidades funcionais, seja como elemento de fortalecimento da moral e da masculinidade, é inegável a já constante presença das práticas esportivas no cotidiano das Forças Armadas de Brasil e Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX. Esse fenômeno se ampliou ao longo daquele século e do seguinte chegando ao patamar de realização de megaeventos esportivos exclusivos para as FA, como o caso dos Jogos Mundiais Militares organizados desde 1995 pelo Conselho Internacional do Esporte Militar (CISM - *Conseil International du Sport Militaire*).

Palavras-chave: História do Esporte Militar; História Comparada; Primeira Guerra.

The different uses of sports in situations of mobilization for war: a comparative study between the Brazilian and the American experience in the context of the First World War

Abstract: The present paper intends to bring into discussion the impact of sports practices on the relations between the armed forces (AF) from Brazil and the United States of America in the First World War context. Taking the approach “Contrast of Contexts” of Comparative History (SKOCPOL; SOMERS 1980) and also engaging both fields of the Sports History and the Military History into dialogue, this paper aims to analyse the uses and applications of sports in different moments of mobilization for conflict. The documental corpus selected for this piece of research encompasses two sources of the following categories, documental and press, once they have posed as the most fruitful for the proposed discussions (PINSKY, 2006). Results from analyses have shown that it is possible to consider the different roles played by sports in AF from these two countries, varying according to the needs of their own institutions in their specific operation contexts. Sports have been understood as a useful tool in the preparation of human body and also in the development of functional abilities, apart from being an element of strength of both the moral and the masculinity. Sports practices have been a constant presence in the daily life of the armed forces from these two countries since the first decades of the twentieth century. Nevertheless, this presence has gained such a magnitude in these two centuries that mega events, exclusive to the AF, such as the

¹ Doutoranda em História Comparada. Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: karinacancella@gmail.com

Military World Games, have been organized since 1995 by the International Military Sports Council (CISM—Conseil International Du Sport Militaire).

Keywords: Military Sports History; Comparative History; Great War.

Introdução

O presente artigo pretende discutir as relações estabelecidas entre as Forças Armadas (FA) de Brasil e Estados Unidos da América e as práticas esportivas no contexto da Primeira Grande Guerra, analisando quais foram seus usos e aplicações em diferentes momentos de mobilização militar para o conflito.

Para tanto, este trabalho utiliza o método da História Comparada para realizar as análises e enquadra-se na abordagem “Contraste de Contextos”, apresentada por Skocpol e Somers (1980), buscando analisar as relações das FA brasileiras e estadunidenses com a prática esportiva no período da Primeira Guerra discutindo como as particularidades de cada um dos contextos influenciaram diretamente no processo de estruturação e defesa dessas atividades. A presente pesquisa transita, ainda, entre campos da História do Esporte e da História Militar, enfocando suas análises em uma área de interesse identificada como História do Esporte Militar, colocando em diálogo discussões características dos dois campos para a compreensão do desenvolvimento do fenômeno esportivo no contexto específico da organização militar (CANCELLA, 2014).

O *Corpus* documental selecionado para esta pesquisa compreende fontes das categorias documentais e impressas, pois foram as que se apresentaram mais profícuas para as discussões propostas (PINSKY, 2006).^{2,3}

Para que seja possível compreender de forma mais clara como o esporte foi mobilizado de diferentes maneiras no momento da guerra pelas FA dos dois países em análise, mostra-se necessária uma breve explanação a respeito dos principais aspectos que motivaram a introdução do “corpo” como um elemento de preocupação, assim como sobre a criação de normativas específicas para o treinamento do físico dos militares brasileiros e estadunidenses. Essas medidas culminaram na presença das práticas esportivas entre os elementos de preparação militar nas primeiras décadas do século XX nos dois países.

O processo de introdução das atividades físicas sistematizadas no cotidiano das FA brasileiras iniciou-se ainda no século XIX por meio de medidas normativas que buscavam a inserção das práticas de ginástica, natação e esgrima entre os conteúdos curriculares das escolas de formação de oficiais do Exército Brasileiro (EB) e da Marinha do Brasil (MB).⁴ Na segunda metade do século XIX e anos iniciais do século XX, os

² As transcrições documentais neste trabalho tiveram a grafia atualizada para a norma ortográfica atual da Língua Portuguesa.

³ As fontes documentais e impressas referentes aos Estados Unidos, assim como as obras em inglês citadas ao longo deste artigo, passaram por tradução livre para a Língua Portuguesa a fim de facilitar a compreensão dos leitores e garantir maior fluidez ao texto.

⁴ BRASIL. Decreto nº 2.116, de 01 de março de 1858. Aprova o Regulamento reformando os da Escola de aplicação do exército e do curso de infantaria e cavalaria da Província

militares passaram a não somente praticar essas modalidades e outros esportes no interior de suas corporações como também desempenharam importante papel de fomentadores no meio civil, por meio da atuação na função de instrutores em escolas civis, assim como na participação como esportistas em competições de diferentes modalidades, além de ocuparem papel de liderança em entidades reguladoras esportivas⁵ (GARRIDO; LAGE, 2005; SILVA; MELO, 2011).

As questões relacionadas ao preparo técnico e físico dos militares brasileiros já eram preocupações presentes desde meados do século XIX. O “corpo” da nação brasileira deveria ser forte, treinado e pronto para se inserir no âmbito das maiores nações do planeta. Para isso, o projeto idealizado para o país passava por questões de modernização que envolviam não somente os aspectos técnicos e jurídicos mas também os processos de formação e preparação dos cidadãos e daqueles responsáveis pela garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem: os militares.

Além desse fator, as dificuldades enfrentadas pelas FA brasileiras nos conflitos em que se envolveram ao longo do século XIX, como na Guerra do Paraguai, evidenciaram a defasagem material, técnica, física e de formação militar. Nesse sentido, a prática de exercícios físicos de forma sistemática passou a ser estimulada como forma de treinamento para melhoria do desempenho em atividades funcionais. O esporte foi, então, inserido nas FA como uma das práticas a serem desenvolvidas como exercício e sob os argumentos de necessidade de melhorias do desenvolvimento físico e moral dos combatentes (SILVA; MELO, 2011).

Ao longo dos anos iniciais do século XX, ocorreu uma intensificação das relações dos militares brasileiros com as práticas esportivas competitivas, principalmente no meio civil. Essa maior aproximação, associada ao crescente movimento de criação de entidades reguladoras do esporte, fomentou a fundação em 1915 das primeiras instituições com tal função dentro do EB e da MB: a Liga Militar de *Football* e a Liga de *Sports* da Marinha.^{6, 7} O estabelecimento dessas Ligas

de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e os estatutos da Escola Militar da Corte. Coleção de Leis do Império de 1858; BRASIL. Decreto n° 2.163, de 01 de maio de 1858. Reorganiza a Academia de Marinha em virtude da autorização concedida no parágrafo 3° do artigo 5° da Lei n. 862 de 30 de julho de 1856. Coleção de Leis do Império de 1858.

⁵ O turfe, o remo e o iatismo são exemplos de esportes onde registra-se a participação de militares em seus processos de institucionalização no Brasil.

⁶ A organização esportiva tendo como base a criação de ligas foi um movimento constante em fins do século XIX e início do século XX em todo o mundo, não estando o Brasil distante desse processo. As ligas esportivas podem ser compreendidas como instituições responsáveis pela administração dos interesses dos clubes das diferentes modalidades, atuando como normatizadoras das práticas através de regras impostas (e aceitas) pelas equipes integrantes das ligas. O aceite por parte dos clubes das determinações com relação à organização dos campeonatos, sistemas de promoção e rebaixamento eram partes fundamentais para o efetivo funcionamento dessas instituições. As primeiras ligas esportivas fundadas no mundo foram a Liga Inglesa de Futebol e a Liga Norte-Americana de Beisebol, ambas no ano de 1871 (MALAIA, 2010).

⁷ Esse período da década de 1910 foi marcado também pelas discussões sobre a criação da primeira entidade esportiva nacional no Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A fundação das ligas esportivas nas FA, portanto, estava

Esportivas Militares (LEM) no interior das FA marcou um período de significativas aproximações com o esporte, sendo também o principal instrumento de controle dessas práticas nas FA nos anos iniciais do século XX (CANCELLA, 2014).

Das práticas de ginástica no interior dos quartéis ao desempenho de funções de instrutores nas escolas civis, os militares, durante a década final do oitocentos e inicial do novecentos, atuaram de forma ativa na divulgação dessas modalidades para a sociedade. As preocupações com o processo de formação desses instrutores, fortemente influenciadas por grupos militares estrangeiros, fomentaram as primeiras medidas para criação de escolas de formação em Educação Física no Brasil na primeira década do século XX.

Do período de introdução das atividades ginásticas e dos esportes até a criação das LEM, a prática na forma competitiva não era normatizada ou regulamentada pelas instituições. A partir de 1915, as ligas assumiram esse papel, sendo as responsáveis pelas ações de difusão. De 1915 a 1922, os processos de organização esportiva e institucionalização das atividades desencadearam novas preocupações e investimentos no interior das instituições militares. Com a ampliação da abrangência do esporte competitivo, os militares passaram a especializar-se e garantiram espaço de representação entre as principais equipes esportivas do país, até mesmo em seleções nacionais em eventos internacionais, como nos Jogos Olímpicos da Antuérpia em 1920 (GARRIDO; LAGE, 2005).

Em 1922, as Ligas Militares foram reconhecidas oficialmente como entidades representativas pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), responsável pelo esporte nacional naquele momento. Esse reconhecimento foi efetivado em decorrência das funções desempenhadas por essas instituições no processo de organização dos primeiros jogos multiesportivos internacionais realizados no Brasil: os Jogos Esportivos do Centenário, competição maior na qual também foram realizados os Jogos Internacionais Militares e Navais. Esses eventos ocorreram durante os festejos pelo centenário da Independência do Brasil, comemorado naquele ano de 1922. No processo de organização, foi criada uma Comissão Militar para as Festas Esportivas do Centenário, presidida pelo Coronel Estellita Werner que, em parceria com a CBD, atuou na realização dos Jogos⁸ (CANCELLA, 2012).

Os militares brasileiros participaram de ações no fomento do esporte tanto no interior das Forças Armadas quanto no meio civil durante as primeiras décadas século XX, como foi possível perceber até este ponto. No entanto, nesse mesmo período, o país não se envolveu em amplas mobilizações para a atuação direta em grandes conflitos armados internacionais, sendo exceção o envio da Divisão Naval de Operações de Guerra no ano de 1918. É possível considerar que essas especificidades de atuação favoreceram um maior envolvimento dos integrantes das FA em ações e atividades não ligadas diretamente ao preparo para batalhas

acompanhando um movimento maior que se desenvolvia no panorama do esporte no Brasil.

⁸ BRASIL. Diário Oficial da União de 26 de julho de 1922, seção 1, p. 1-4.

ou guerras (caso do esporte), apesar de a prática esportiva ser também defendida como uma possibilidade de preparação militar.

Já as aproximações das FA dos Estados Unidos com o esporte, caso observado em perspectiva comparada ao do Brasil, foi diferenciado nesse sentido. A principal publicação existente sobre tal temática, a obra “Playing to win: sports and the American Military 1898-1945”, de autoria de Wanda Wakefield e publicada em 1997, defende que a fundamental motivação para a introdução da prática esportiva no cotidiano dos militares estadunidenses foi a participação em conflitos nos anos finais do século XIX e com argumentos diferentes daqueles identificados no caso brasileiro. Nos EUA, o esporte foi principalmente defendido pelos comandantes como oportunidade de distração saudável para os militares em campanha, sendo sempre enfatizada a necessidade de afastamento de práticas consideradas ilícitas pelos comandos, como ingestão de bebidas alcoólicas, envolvimento com prostituição e jogos de azar (WAKEFIELD, 1997).

Analisando a introdução sistemática das práticas esportivas no cotidiano dos militares em combate, Wakefield (1997) discute os casos das campanhas em Cuba, nas Filipinas e nas duas Guerras Mundiais. A autora observa que o esporte foi lá defendido inicialmente como elemento de distração saudável, mas observações atentas sobre as atividades físicas já vinham chamando a atenção dos militares, sendo criado em 1914 o primeiro Manual de Treinamento Físico no *US Army* com vistas a garantir processos de treinamento físico iguais para todos os homens que poderiam servir em guerras.

Wakefield (1997) ainda aponta as análises do Departamento da Guerra sobre a inserção dos programas esportivos no cotidiano das FA estadunidenses, que defendiam o esporte como instrumento para desenvolver boas habilidades físicas nos militares e estimular o respeito e a admiração por quem apresentava os melhores resultados em suas unidades. Por outro lado, se a rivalidade criada nas competições esportivas entre os soldados-atletas não fossem controladas, poder-se-ia colocar em perigo a lealdade e coesão necessárias aos grupos em combate. A partir da publicação do Manual em 1914, o esporte passou a ser defendido como um elemento útil para ensinar aos soldados a cooperar uns com os outros, se identificar com os membros de seus times e reconhecer os laços comuns. Participando ou assistindo a competições esportivas, eles aprenderiam a passar por adversidades não somente no campo de jogo mas também no campo de batalha (WAKEFIELD, 1997). Os esportes e as competições, com as determinações desse documento publicado em 1914, garantiram seu espaço como parte integral da vida militar das FA dos Estados Unidos.

O argumento de defesa da prática esportiva entre os militares como elemento de promoção de bons hábitos e boa ordem foi reforçado no processo de preparação dos estadunidenses para o ingresso na Primeira Grande Guerra. Paralelamente a esse movimento em defesa do esporte, os grupos que militavam por uma “moralização” da sociedade e buscavam a proibição de venda de bebidas alcoólicas e da prostituição ganharam força no processo de organização do *United States Army* e *United States*

Navy para o embarque para o cenário de operações. Utilizando o argumento de estarem em tempo de guerra emergencial e do significativo aumento dos acampamentos de treinamento militar, esses grupos moralistas intensificaram as pressões para proibir a prostituição, pois seria um risco para a saúde e segurança dos soldados e também porque poderia ser um atrativo para jovens mulheres que viviam no entorno dos acampamentos como uma possibilidade de recebimento por favores sexuais (WAKEFIELD, 1997).

Essas proibições se baseavam na defesa de que as energias dos jovens deveriam ser direcionadas unicamente para o preparo para as batalhas. Nesse contexto, o esporte era uma prática recreativa desejável e moralizante, uma vez que possibilitava a distração dos soldados e, ao mesmo tempo, melhorias do condicionamento físico, das relações interpessoais e do companheirismo, além de serem instrumentos para reforço da masculinidade (WAKEFIELD, 1997).

Nos acampamentos de treinamento, algumas entidades civis atuavam para desenvolver atividades entre os soldados. A *Young Men's Christian Association* (YMCA),⁹ por exemplo, enviou representantes que organizavam aulas sobre a bíblia, grupos de canto, jogos, atuavam como árbitros em lutas de boxe, auxiliavam jovens soldados com pouca instrução a escrever cartas, entre outras distrações bem vistas pelos comandos (WAKEFIELD, 1997).

Ao longo da atuação na Primeira Guerra, as FA dos EUA organizaram entre seus militares inúmeros eventos esportivos em diferentes modalidades como *baseball*, *track and field*, boxe, além da criação de competições para exercícios militares específicos como lançamento de granada, atividades de ordem unida, manipulação de armas e exercícios de companhia (WAKEFIELD, 1997).

Além dessas atividades com intuito recreativo, o esporte ainda foi utilizado no *front* como forma de treinamento de habilidades militares de forma mais “agradável”. Ao treinar o *baseball*, os militares eram lembrados que o lançamento das bolas era similar ao processo de lançamento de granadas; para que os soldados aprendessem a utilizar as máscaras de gás em combate, eram realizados extensos treinamentos com jogos de *baseball*, momentos em que os militares jogavam as partidas utilizando as máscaras, pois uma vez que conseguissem utilizar o instrumento no “campo de jogo”, poderiam utilizá-lo sem problemas no “campo de batalha”. Para encorajar os soldados a se sentirem confortáveis com as agressões que enfrentariam na guerra, as regras do boxe foram alteradas com a redução do tempo dos *rounds* para que não ocorresse a estagnação durante a luta, aumentando a intensidade do combate (WAKEFIELD, 1997).

O esporte foi elemento presente e constante no cotidiano dos militares estadunidenses ao longo das primeiras décadas do século XX, sendo utilizado sob diferentes objetivos. Com o fim dos conflitos da Primeira Guerra em 1918, as Forças Armadas envolvidas nos eventos iniciaram o processo de desmobilização e retorno para seus países. Como

⁹ Para maiores informações sobre a instituição e suas relações com o esporte, ver: Cancellata (2010).

forma de celebração da vitória dos Aliados, Elwood S. Brown, Diretor do Departamento de Atletismo da YMCA, escreveu ao Coronel Bruce Palmer, membro da equipe do General John Pershing (comandante da Força Expedicionária dos EUA na Primeira Guerra), informando que a entidade poderia organizar em conjunto com as FA competições esportivas entre os aliados como forma de celebração e reforço dos hábitos saudáveis entre os militares (TERRET, 1999).

Após discussões e acordos, os Jogos Interaliados, o primeiro evento esportivo internacional no pós-guerra,¹⁰ foram realizados em junho de 1919, em Paris, com a participação de 18 nações e 1.500 atletas em 24 diferentes modalidades. A realização desse evento e a participação dos militares estadunidenses no processo de organização evidenciam a importância do esporte no contexto das atividades dessas FA ao longo dos anos iniciais do século XX (TERRET, 1999).

O esporte e os militares: considerações comparativas sobre experiências brasileiras e estadunidenses no contexto da Primeira Guerra

As FA brasileiras, nas primeiras décadas do século XX, ainda se mostravam muito mais preocupadas com os processos de reestruturação interna e com as dinâmicas para a composição de suas fileiras do que envolvidas em treinamentos específicos para a participação em conflitos. Autores como Cancella (2014), Carvalho (2006), McCann (2009) e Sodré (2010) afirmam que a Marinha do Brasil e o Exército Brasileiro estiveram, nos anos iniciais do novecentos, envolvidos em projetos de reestruturação, tratando das repercussões das inúmeras revoltas e rebeliões no interior dessas instituições entre fins do século XIX e início do XX,¹¹ além de se ocuparem fortemente dos problemas de recrutamento e de estabelecimento de contingentes militares, elementos de grande presença nas discussões dos ministérios das duas forças.

Sobre os recrutamentos militares no Brasil, Pinheiro et al (2006) afirmam que o sistema realizado até 1916 apresentava problemas com relação à qualidade dos recursos humanos recrutados. De acordo com os discursos da época, a solução possível para esse problema seria a implementação do sorteio universal. No entanto, essa sugestão recebeu grande resistência em diferentes setores da sociedade, desde políticos, imprensa, até operários (CANCELLE, 2013).

¹⁰ Por ocorrência dos conflitos, os Jogos Olímpicos de 1916, previstos para ocorrerem em Berlim, não foram realizados, interrompendo a sequência de edições a cada quatro anos desde os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, promovidos em 1896.

¹¹ José Murilo de Carvalho (2006, p. 15) apresenta as revoltas no interior das FA brasileiras na Primeira República. Entre fins do século XIX e a década de 1920, Marinha e Exército enfrentaram os seguintes movimentos de revolta: MB - Revolta da Esquadra (1891), Revolta “Primeiro de Março” (1891), Manifesto dos 12 generais (1892), Revolta da Armada (1893), Revolta dos Marinheiros (1910); EB – Manifesto dos 12 Generais (1892), Revolta do Sargento Silvino (1892), Revolta da Escolar Militar (1895, 1897 e 1904), Revolta dos Sargentos (1915) e Revolta Tenentista (1922).

Sobre a lei recrutamento militar,¹² Frank McCann defende que “depois de ser aprovada, em 1908, a lei permanecera engavetada porque o Congresso cortara tão drasticamente o orçamento do Exército que o pequeno efetivo autorizado era preenchido por voluntários.” (MCCANN, 2009, p. 229). Sendo assim:

Entre 1908 e 1916 muito se debateu, contestou e defendeu a citada lei. O auge dessa discussão aconteceu no ano de 1914, período que coincidia com a incidência da Primeira Guerra Mundial na Europa. O momento era estratégico para os discursos militaristas, pois garantia maior visibilidade às forças armadas e animava os sentimentos nacionalistas na sociedade. Nesse contexto o exército aparecia como uma das poucas instituições legítimas capazes de defender a nação das mazelas políticas e sociais. [...] O que se almejava era instituir o serviço militar obrigatório no Brasil, reequipar belicamente o exército, melhorar a formação dos oficiais por meio da contratação de instruções militares estrangeiras, bem como melhorar as condições físicas das instalações militares no país [...] (RODRIGUES, 2011, p. 77).

O Relatório do Ministério da Guerra de 1915 seguiu discutindo as questões relativas ao serviço militar obrigatório. Afirmava que esse ponto mantinha-se como uma problemática para as FA, utilizando como base para as considerações os conflitos da Primeira Guerra.¹³ Frank McCann defende que:

O sistema do serviço militar obrigatório, conquistado a duras penas, revelou-se muito diferente do que seus proponentes haviam esperado. Desde o início [...] o número de homens que se recusaram a responder ao chamado do país foi maior que o dos que se apresentaram. De 1917 até 1929 foram sorteados 619753 nomes, dos quais 75286 foram dispensados e 409111 não se apresentaram, restando apenas 135354 para ingressar nos quartéis. [...] O sonho de que o serviço militar obrigatório forneceria um exército qualificado que, por sua vez, geraria uma reserva numerosa, treinada e mobilizável foi abalado pelas realidades brasileiras (MCCANN, 2009, p. 295).

O referido Relatório ainda defendia que somente recrutar para aumentar os contingentes não resolveria os problemas das FA brasileiras. Era preciso estabelecer melhorias de equipamentos (armamento, munição, fardamento, viaturas) e esse ponto trazia grandes preocupações porque as encomendas que haviam sido realizadas a alguns fabricantes estrangeiros não estavam sendo entregues por conta dos conflitos na Europa. O documento destacou, entretanto, que foram identificadas melhorias nos processos de educação e instrução das tropas pelo

¹² BRASIL. Lei nº 1.860, de 4 de Janeiro de 1908. Regula o alistamento e sorteio militar e reorganiza o Exército.

¹³ BRASIL. Relatório do Ministério da Guerra de 1915.

envolvimento e dedicação de oficiais e aspirantes.¹⁴ Sobre isso, Cancellia afirma que:

Com o novo panorama mundial marcado pelo conflito armado, o estabelecimento de diretrizes mais claras para os processos de treinamento passaram a ser uma preocupação ainda mais importante. A Portaria de 02 de maio de 1914, publicada no Relatório do Ministério da Guerra de 1914, por exemplo, determinava as instruções para a esgrima de baioneta a ser utilizada no EB como forma de uniformizar os processos de treinamento e preparação dos militares. Esta necessidade de maior especialização fomentou a criação de manuais de instrução que eram vendidos para a disseminação das normas físicas [...] Com estas publicações, buscava-se estabelecer uma diretriz de preparação física dos integrantes do Exército Brasileiro. Neste mesmo período foram também normatizadas as novas determinações sobre os índices físicos mínimos para o ingresso na instituição indicando um maior rigor e preocupação com o corpo das tropas militares brasileiras. (CANCELLA, 2013, p. 106-107).

Essas considerações sobre os movimentos de reestruturação e de recrutamento militar nas FA brasileiras se mostram importantes como elemento base para se compreender o panorama de MB e EB em meados da década de 1910, quando eclodiram os conflitos da Primeira Guerra na Europa. Pelas discussões realizadas, é possível considerar que era um olhar mais voltado para os problemas internos e suas possibilidades de solução. O panorama internacional e as experiências das forças armadas estrangeiras não ficavam perdidas de vista, mas eram muito mais mobilizados como argumentos para o fortalecimento das medidas de preparação e não como ameaças imediatas à soberania nacional que justificassem mobilizações militares de grande impacto.

Naquele período, os militares brasileiros estavam envolvidos não somente com esses processos acima referenciados mas também mantinham atividades em diferentes áreas da sociedade civil, entre elas o meio esportivo. Atuavam em diversas funções, desde esportistas até dirigentes de entidades e clubes. As práticas esportivas já se encontravam bastante difundidas na sociedade e desde os anos iniciais do século XX alguns dos argumentos para a defesa da introdução dessas práticas e da ginástica no cotidiano das FA enfocavam justamente a questão da modernização nas formas de treinamento militar, elemento fundamental em suas propostas de reestruturação interna (CANCELLA, 2014).

Conforme pontuado anteriormente, a criação das primeiras formas de regulamentação e promoção da prática do esporte entre os militares brasileiros ocorreu justamente em meados da década de 1910. Tanto a Liga Militar de *Football* (LMF) como a Liga de *Sports* da Marinha (LSM)

¹⁴ BRASIL. Relatório do Ministério da Guerra de 1915.

foram criadas no ano de 1915 e tinham entre seus fundadores militares envolvidos com o esporte competitivo em meio civil, como o caso do Tenente Francisco Mendes, atleta do *Fluminense Football Club* que atuou na criação da LMF, e do Tenente Benjamin Sodrê, “conhecido no meio futebolístico como Mimi Sodrê, que representou, entre 1910 e 1916, os clubes cariocas do América e do Botafogo e foi um dos fundadores da Liga de *Sports* da Marinha em 1915.” (CANCELLA, 2013, p. 115).

A Liga Militar de *Football* foi reconhecida institucionalmente por meio de Aviso do Ministério da Guerra nº. 966 de 22 de junho de 1915.¹⁵ A partir de tal autorização, a LMF planejou medidas de divulgação do futebol para os militares dos corpos do Exército. No período entre 1915 e 1920, o Exército adotou um modelo de liga monoesportiva dedicada à organização do futebol. Ribeiro (2009) afirma que a criação de uma liga específica dessa modalidade justificava-se por vários militares do EB participarem de equipes dos principais clubes do Rio de Janeiro, promovendo também competições amistosas entre os regimentos onde serviam. No entanto, o jornal “O Imparcial”, órgão oficial de divulgação das atividades de inúmeras associações esportivas, entre elas a LMF,¹⁶ publicou em 22 de janeiro de 1920 um artigo intitulado “Liga Militar: O *football* e o Exército” que relatava a participação do time do 1º. Regimento de Artilharia Montada, tricampeão da LMF, em excursões desportivas a Valença e Bom Jesus de Ipanema e apresentava algumas justificativas para a escolha desse esporte como a modalidade principal de desenvolvimento no EB. Esse relato não tem autoria declarada no jornal. No entanto, pelo teor do texto e por ser o jornal “O Imparcial” um órgão oficial de divulgação da Liga, pode-se sugerir que tenha sido redigido por algum militar do EB que acompanhava as excursões e enviado ao jornal para ser publicado como elemento de divulgação das atividades da Liga, conforme já vinha ocorrendo desde 1915. Ao longo do texto, foram apresentados diversos argumentos de defesa da prática dos esportes e dos benefícios da educação física sistemática para os militares. Entre eles, o texto afirmava que:

[...] se a educação do soldado atual pode chegar ao ponto de lhe proporcionar meios para a prática de ações tão belas quão dignificadoras, capazes de – qual poderoso e simpático imã – auxiliar a aproximação dos meios civil e militar, por processo tão cômodo e agradável, é caso de se apelar para as altas autoridades militares que o são inteligentes e patriotas, e para a moderna geração dos novos e esperançosos oficiais afim de que, por seus auspiciosos e necessários auxílios, deem à educação física dos moços militares o grande e inestimável valor que interessa à defesa nacional, quando orientada a sua prática, com método, persistência e desassombro, tendo como objetivo incentivar e desenvolver outras qualidades importantes do soldado, tais como: coragem, agilidade, golpe de vista, resolução pronta, camaradagem, disciplina

¹⁵ BRASIL. Diário Oficial da União de 29 de junho de 1915, seção 1, p. 5.

¹⁶ O Imparcial, 01 de outubro de 1915, p. 9.

do temperamento, resistência às fadigas e intempéries, amor ao corpo da tropa, ao Exército e à Pátria (Regulamento de ginástica, artigo 95). Como se vê, é, pois, o futebol, o desporto do soldado, por excelência! É ele, dentre todos os desportos, o que melhor unifica todas as vontades; o que melhor disciplina os temperamentos, modificando os vários instintos dos que praticam: o que melhor desenvolve o sentimento da força, dentro da nobreza! É no revigorar, com ele, o físico da mocidade brasileira, civil ou militar o seja, cultivemos com amor, as belas qualidades morais que nos inspiram os seus empolgantes torneios: *Mens sana in corpore sano*. E ninguém, de boa fé, pode negar as vantagens que adviriam para o Exército, para a militarização do povo e até para o sorteio militar se, pelo menos, a maioria dos corpos possuíssem turmas de soldados capazes de, em diversos pontos do nosso caro Brasil e pelos mesmos honrosos processos, colherem louros iguais aos que vem de obter, de modo dignificante o glorioso time do 1º. Regimento de artilharia montada.¹⁷

A partir dessas declarações e argumentos, pode-se considerar que o futebol foi defendido por militares do EB como a modalidade que poderia desenvolver com maior facilidade as concepções expressas pelo regulamento de ginástica do EB. Essas considerações, no entanto, não são suficientes para justificar a escolha do futebol como “o esporte do soldado”, conforme afirma o texto. No momento de fundação da Liga, essa modalidade já gozava de grande popularidade no Rio de Janeiro (local de fundação da mesma). Sobre esse aspecto, Sevckenko afirma que:

A segunda grande febre desportiva do Rio de Janeiro veio com o futebol e logo se tornou ainda mais intensa do que as regatas. Inicialmente difundido entre as elites, ele seria adotado com enorme entusiasmo pelos grupos populares que, com base em suas tradições rítmicas e lúdicas, relacionadas a destreza do uso dos pés e movimentos do corpo e da cintura, construiriam sua própria versão do esporte britânico, mais para a diversão e o carnaval que para a agressividade, disciplina tática e objetiva (SEVCENKO, 1998, p. 581).

Sendo assim, não somente os benefícios elencados em relação às determinações do Regulamento de Ginástica do EB podem ser considerados ao analisar a adoção do modelo de liga monoesportiva de futebol. O aumento do número de clubes e praticantes dessa modalidade, além do crescimento do interesse dos espectadores e da imprensa, criando uma ambiência de promoção desse esporte, também precisam ser levados em consideração.

Apenas alguns meses após a fundação da LMF, foi publicada no “O Imparcial” uma nota em que se relatavam as festividades de celebração

¹⁷ O Imparcial, 22 de janeiro de 1920, p. 8.

do dia da bandeira no EB e, entre elas, foi realizada uma partida de futebol e entrega da premiação para os campeões militares de 1915. Nessa nota, foi apresentado o discurso proferido pelo Tenente Castelo Branco, que tem trecho transcrito a seguir:

A Liga Militar tem grande satisfação de comunicar neste momento sublime para nós todos que amamos o esporte, que a mocidade militar tal qual como a civil, sabem jogar e interpretar com todas as regras o esporte predileto da terra de Jorge V. Logo no começo da criação da Liga Militar encontramos, como era natural, alguns obstáculos que foram logo desaparecendo por parte daqueles que não compreendiam o grande jogo inglês. Hoje contamos na mocidade militar com mais de um terço da sua totalidade, quer no quadro de oficiais, quer no das praças de pret, e o ideal é contar com a totalidade; precisamos de homens fortes e valentes, destemidos e extraordinários. Precisamos preparar os nossos jovens militares para as grandes lutas e para a civilização da nossa pátria.¹⁸

A questão do preparo físico dos militares, destacada no texto do Tenente Castelo Branco, e do serviço militar obrigatório eram preocupações importantes para os ministérios militares nas primeiras décadas do século XX. O Relatório do Ministério da Guerra apresentado em 1916, por exemplo, continuava defendendo o estabelecimento do serviço militar obrigatório. Além disso, o documento destacava a educação física como algo fundamental para o bom preparo da nação. As inúmeras isenções de voluntários para o serviço militar por sua incapacidade física chamavam a atenção das autoridades militares, que reforçavam:

É um dever chamar a atenção para este fato, que indica a necessidade de dedicar-se maior cuidado à educação física, parecendo-me urgente que se torne obrigatório nas escolas o ensino de uma ginástica racional, como a sueca, não para fazer acrobatas, mas homens fortes e vigorosos.¹⁹

Sobre esse aspecto, Celso Castro (1997, p. 2) afirma que “o sorteio militar foi finalmente iniciado em 1916 e, nas décadas que se seguiram, o serviço militar temporário foi se tornando cada vez mais obrigatório para a maioria da população jovem, o que levou à modificação do perfil da tropa”.

No caso da Marinha do Brasil, a organização do esporte recebeu uma estruturação distinta da adotada no EB, já que foi adotado um modelo de liga poliesportiva desde seus anos iniciais. Em 25 de novembro de 1915, um grupo de oficiais se reuniu na sede do Clube Naval no Rio de Janeiro e fundou a primeira entidade de direção do esporte na força, a Liga de *Sports* da Marinha. A regulamentação institucional foi a partir da publicação da Ordem do Dia do Ministério da Marinha nº. 01 de 04 de

¹⁸ O Imparcial, 20 de novembro de 1915, p. 9.

¹⁹ BRASIL. Relatório do Ministério da Guerra de 1916, p. 6.

janeiro de 1916,²⁰ assinada pelo então Ministro Almirante Alexandrino Faria de Alencar.

A Liga de *Sports* da Marinha atuou na organização das atividades esportivas na MB desde 1915 até 1940, quando foi extinta para a criação do Departamento de Educação Física da Marinha. Inicialmente, ainda no primeiro ano de atividade, organizou competições internas de natação, polo aquático e futebol. Para divulgar suas ações, buscou realizar comunicação oficial com as autoridades navais superiores informando sobre a criação da Liga e solicitou ao Ministério da Marinha para assumir a direção dos esportes de bordo.²¹

Como já apontado, as Ligas Esportivas Militares passaram a ser responsáveis pela organização de competições no interior de suas respectivas forças, promovendo jogos em diferentes modalidades envolvendo seus quartéis, navios e estabelecimentos. No caso do EB, prioritariamente o futebol,²² e na MB, inicialmente modalidades aquáticas como natação, remo, polo aquático e vela (defendidas principalmente por suas funções de treinamento utilitário para os “homens do mar”), e também o futebol, modalidade bastante popular no período, com expansão do quadro de modalidades em sua primeira década de atuação.²³

No entanto, eram promovidos alguns encontros para competições esportivas entre times das duas forças. Uma dessas competições foi a Taça Flamengo, disputa esportiva entre Exército e Marinha que iniciou em 1917 e se prologou até a década de 1920. Eram realizadas três provas: futebol, cabo de guerra e corrida de estafetas. Essa competição caracterizou-se como a primeira disputa das LEM com menção explícita à cobrança de ingressos dos espectadores, uma vez que se realizava no campo do Clube de Regatas Flamengo, doador da taça (CANCELLEA, 2014).

Até o ano de 1917, o Brasil manteve-se em posição de neutralidade em relação ao conflito armado de alcance mundial que havia se iniciado em 1914. No entanto, essa situação se alterou por conta do episódio relatado a seguir:

²⁰ BRASIL. Relatório do Ministério da Marinha de 1916. Anexo A, p. 01.

²¹ “1ª. Sessão da Directoria de 16 de dezembro de 1915”. Livro Histórico Departamento de Esportes da Marinha - Volume I - Anexo I.

²² “Observando os registros dos resultados das competições da LMF divulgados no ‘O Imparcial’ entre 1915 e 1919, é possível identificar a atuação dos militares do EB predominantemente na modalidade futebol, sendo exceção as competições da ‘Taça Flamengo’ [...]. No entanto, no final da década de 1910, de acordo com a análise dos registros de competições e correspondências da Liga de Sports da Marinha, já foi possível identificar a participação de equipes do EB no Campeonato Acadêmico de Escolas Superiores (Escola Naval e Escola Militar) nas modalidades de water polo e natação, sendo registradas edições deste campeonato entre 1919 e 1924, evidenciando um processo de ampliação das ações esportivas. (CANCELLEA, 2013, p. 149).

²³ “Os registros de organização de competições da LSM para o período entre 1915 e 1928 evidenciam o quadro de modalidades institucionalizadas na Marinha, a partir das ações de sua liga na organização de competições, fomento de participação e divulgação. Neste período, a LSM organizou e participou de eventos enviando equipes nas modalidades Vela, Natação, Water polo, Remo, Futebol, Retinidas, Cross Country, Atletismo, Cabo de Guerra, Basquetebol, Esgrima e Tiro”. (CANCELLEA, 2013, p. 130).

Em 3 de abril de 1917, submarinos alemães torpedearam o navio Paraná, que estava próximo à costa francesa. Em represália, o governo confiscou todos os navios alemães ancorados em portos brasileiros. Após o afundamento do navio brasileiro Macau, pelos alemães, Venceslau Brás assinou, em outubro desse ano, a declaração de estado de guerra contra a Alemanha, o que foi acompanhado por manifestações antigermânicas em todo o país (ARQUIVO NACIONAL, 2009, p. 42).

Em 26 de outubro de 1917, foi publicado o decreto nº 3.361²⁴ que proclamava o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil. Sobre esse novo cenário, é possível afirmar que:

[...] as preocupações do EB sobre o processo de preparo dos nossos militares se intensificaram, e as ações de divulgação e apelo para a sociedade se envolver com as FA se ampliaram. O Relatório do Ministério da Guerra de 1917 afirmava que a ocorrência da guerra na Europa e a observação das consequências enfrentadas pelos países que não eram militarmente fortes favoreceram uma maior aceitação do serviço militar em meio civil e a divulgação de uma forte propaganda patriótica, liderada pela Liga de Defesa Nacional (CANCELLA, 2014, p. 172).

As maiores preocupações com o preparo dos militares para a defesa nacional em caso de um conflito como o que se desenrolava na Europa possibilitaram aberturas para investimentos nas FA e maior aceitabilidade do serviço militar na sociedade. No campo esportivo, no entanto, ocorreu um desdobramento interessante por conta da participação brasileira na guerra.

Em 1918, foi criada uma Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG). Essa Divisão era formada por dois cruzadores, quatro contratorpedeiros, um navio-tênder e um rebocador e “subordinada operacionalmente à Inglaterra, ela teria a missão de patrulhar submarinos germânicos na costa ocidental africana.” (ALMEIDA, 2008). Por conta dessa mobilização, as ações de promoção de atividades esportivas realizadas desde 1915 pela Liga de *Sports* da Marinha foram totalmente paralisadas. Isso ocorreu por conta do envolvimento de alguns dos membros de sua diretoria na DNOG e pelo entendimento do esporte como um elemento de preparação do corpo em períodos de treinamento militar, não sendo identificado nas fontes discursos que defendessem a prática como uma ferramenta a ser utilizada em momentos de mobilização para conflitos.

Essa concepção que compreendia o esporte como uma atividade para “tempos de paz” e para o desenvolvimento físico pode ser considerada como um desdobramento das poucas experiências das FA

²⁴ BRASIL. Decreto nº 3.361, de 26 de outubro de 1917. Reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pelo império alemão contra o Brasil.

brasileiras em conflitos armados de grandes proporções nas décadas iniciais do século XX, momento em que o esporte passou a se firmar como atividade efetiva no cotidiano das forças.

As atividades da LSM, como pontuado, se interromperam em 1918 e somente foram “retomadas com o retorno da Divisão em 1919 com a organização de uma ‘festa sportiva militar’ em homenagem à tripulação que regressava.” (CANCELLA, 2014, p. 170).

Como foi possível perceber, o principal argumento utilizado para legitimar o espaço da prática esportiva tanto no EB como na MB era o “desenvolvimento físico” dos militares. A partir das discussões realizadas até este ponto, é possível considerar que as dificuldades estruturais enfrentadas pelas FA brasileiras desde o século XIX, estendendo-se para os anos iniciais do século XX, tanto no que se refere aos materiais como ao pessoal e seu preparo, foram significativas na construção dos argumentos para a legitimação das práticas esportivas. Os problemas de treinamento e “desenvolvimento” do físico do pessoal militar, destacados constantemente desde a Guerra do Paraguai, tornaram-se um importante elemento de discussão nas duas forças. Igualmente, a defasagem no treinamento físico identificado em comparação a militares de outras nações mostrou-se relevante para a construção de uma estratégia de inserção de atividades que fossem eficazes na melhoria do condicionamento físico dos militares brasileiros, especialmente nos períodos de não mobilização militar. Nesse sentido, a fundação das Ligas Esportivas Militares e suas ações na organização de competições entre os quartéis e navios, entre as duas forças e também a participação em eventos no meio civil foram justificadas e legitimadas pelos argumentos de necessidade de desenvolvimento e manutenção do físico e da saúde do pessoal militar brasileiro em tempos de paz para que, em caso de algum conflito, o preparo já estivesse garantido.

Já no caso dos Estados Unidos, o contexto de inserção do esporte no cotidiano do pessoal militar foi diferenciado e, por isso, os argumentos utilizados também mostraram-se distintos. Seguindo o enfoque comparativo “Contraste de Contextos” (SKOCPOL; SOMERS, 1980), buscar-se-á discutir como o contexto histórico vivenciado pelos militares estadunidenses nas décadas iniciais do século XX foi fundamental para a definição dos discursos em torno da defesa da prática do esporte em suas corporações.

Sobre a trajetória histórica dos EUA, Karnal et al (2007) defendem que, entre 1814 e 1898, o país esteve distante dos debates políticos europeus, voltando-se mais para as questões em torno da Doutrina Monroe e a sua expansão territorial para o oeste. No entanto, estiveram atentos ao panorama internacional por suas crenças de ser o grande guardião das instituições democráticas e republicanas e suas pretensões de expansão comercial para o Extremo Oriente:

A Guerra Hispano-Americana é um divisor de águas na presença dos Estados Unidos em cenário internacional. Ainda que possamos relativizar esse paradigma, argumentando que, após uma onda de debates sobre imperialismo, a opinião pública voltou a se concentrar, no

início do século XX, em assuntos internos, a partir de 1898, as potências europeias aceitaram o pressuposto de que a antiga colônia britânica tinha os olhos voltados a crises mundiais.

Alguns historiadores apontam a existência de uma elite bélica e imperialista, composta por uma classe alta, geralmente da costa leste, que defendia a existência de uma marinha de guerra poderosa, antes mesmo da Guerra Civil (KARNAL et al, 2007, p. 165-166).

O período em análise nesta pesquisa está inscrito no que Karnal et al (2007) e Gems (2001) afirmam ser a “Era Progressista” estadunidense.²⁵ De acordo com os autores, esse momento foi marcado por uma forte tendência dos reformadores sociais em estabelecer uma sociedade urbana sistematizada e promover uma cultura nacional baseada nos ideais WASP (White, Anglo-Saxon and Protestant – branco, anglo-saxão e protestante). As principais estratégias de difusão desses ideais foram por meio de legislações, da educação e pela reestruturação dos espaços urbanos.

O país apresentou grande desenvolvimento industrial nesse período, mas também enfrentou problemas com o fluxo de imigração intenso de europeus para a América. Gems (2001) afirma que muitos desses imigrantes eram católicos e judeus, e parte também socialistas, que não partilhavam de seus ideais capitalistas e isso teria sido um fator complicador para a ampla divulgação e estabelecimento desses ideais.

O autor ainda afirma que essas diferentes visões trazidas pelos imigrantes europeus teriam sido motivadores de grandes problemas e conflitos trabalhistas no período. Dando o exemplo da cidade de Chicago, Gems afirma que os empresários tiveram que lidar entre o período de 1887 e 1894 com 528 greves envolvendo 283.000 trabalhadores. As estratégias adotadas para contornar essa situação acabaram por criar um modelo que seria adotado em todo o país e também aplicado nas regiões ocupadas pelos EUA no exterior, como os territórios garantidos após a Guerra Hispano-Americana de 1898. Se os capitalistas não conseguiram dominar os trabalhadores radicais, voltaram suas atenções para seus filhos. Criaram estratégias como remover as crianças das fábricas, com o estabelecimento de leis sobre o trabalho infantil e de educação obrigatória, incluindo a educação física como elemento fundamental do currículo. Como o autor aponta:

Para crianças que não falavam inglês, a educação física desempenhou um papel importante ensinando com jogos em equipe os valores capitalistas como competição, autossacrifício, trabalho em equipe, agressividade e, acima de tudo, respeito à autoridade (GEMS, 2001, p. 32).

Esse período foi também marcado por muitas contestações de diferentes grupos sociais estadunidenses que criticavam a falta de

²⁵ Com relação ao recorte, os autores adotam marcos iniciais distintos. Enquanto Karnal et al (2007) afirmam ser entre 1900 e 1920, Gems (2001) define como de 1880 a 1920.

direitos políticos, a miséria das cidades e concentração de riquezas entre os industriais e grandes proprietários. Sobre esse ponto, Karnal et al afirmam que:

Em resposta, os governos implantaram leis para aliviar os abusos mais extremados. Essa época, que mais tarde foi chamada “progressista”, viu diversas campanhas defenderem o argumento de que só um Estado atuante e socialmente consciente podia garantir medidas de justiça social e manter a ordem num país em franca mudança. Porém, o impulso progressista era cheio de contradições que ficariam evidentes durante a Primeira Guerra Mundial, quando o novo Estado intervencionista viria usar seus poderes para violentamente arrasar seus críticos mais radicais (KARNAL et al, 2007, p. 176).

Apesar das problemáticas levantadas pelos autores, os mesmos afirmam que “cento e vinte cinco anos depois de sua formação e três décadas depois de uma guerra civil que dividiu a nação em duas, os Estados Unidos entrariam no século XX como o maior poder econômico no mundo.” (KARNAL et al, 2007, p. 173).

A entrada dos EUA na Primeira Guerra ocorreu no ano de 1917, garantindo o apoio necessário para Reino Unido, França e Rússia na busca por derrotar a Alemanha. As políticas empreendidas pelo governo dos EUA na preparação e mobilização para a guerra acabaram por enfraquecer os movimentos reformistas internos, configurando-se um período de repressão e autoritarismo no país. “A Primeira Guerra Mundial, nas palavras do presidente Wilson, foi uma guerra pela ‘democracia e liberdade’. A linguagem de liberdade já tinha sido usada pelos Estados Unidos nas suas campanhas imperialistas nas Américas e no Pacífico.” (KARNAL et al, 2007, p. 192). Segundo os autores:

Era uma linguagem repleta de noções como a superioridade da raça anglo-saxônica e a inferioridade de latino-americanos e asiáticos bem como a necessidade de o capitalismo americano conquistar mercados e matérias-primas fora do país. [...] A Primeira Guerra Mundial ofereceu melhores oportunidades aos políticos para a consolidação da supremacia econômica do país e o alívio dos conflitos sociais internos. A linguagem de ‘nacionalismo’, ‘democracia econômica’ e ‘liberdade’ utilizada pelas elites e governos durante a guerra refletiu bem muitas das trajetórias ideológicas dos movimentos progressistas. A guerra, proclamaram, oferecia a possibilidade de racionalizar a sociedade e a economia, trazendo não só eficiência, mas também justiça social (KARNAL et al, 2007, 192-194).

Com relação à prática esportiva especificamente, James Mennell (1989) afirma que os historiadores do esporte reconhecem um grande aumento da prática esportiva na década de 1920, passando esse período a ser identificado como a “Era de Ouro do Esporte”. Tratando de maneira

mais específica de uma das principais modalidades nos EUA, o futebol americano, o autor defende que a popularidade e interesse por esse esporte se daria, em parte, pela alteração das regras realizadas entre 1906 e 1912.²⁶

Além desse aspecto, Mennell (1989) aponta um segundo elemento que considera pouco abordado nas pesquisas: o fato de o futebol americano ter sido introduzido como treinamento militar e atividade de horas de lazer para os recrutas que atuaram durante a Primeira Guerra. Abordando alguns trabalhos que trataram sobre o tema em algum aspecto, aponta que os estudos afirmam que o programa de esportes desenvolvido junto às tropas na Primeira Guerra foi o maior responsável pela ampliação dos interesses por essas práticas ao longo da década de 1920. No entanto, destaca ser muito difícil se chegar a essas conclusões por falta de condições de verificação, uma vez que a mudança nas regras foi efetivada em 1912, apenas cinco anos antes do estabelecimento do *service football* em 1917. Portanto, torna-se mais complicado afirmar se foi a mudança nas regras ou o uso do futebol americano entre os militares que ocasionou um maior interesse pela prática e popularização do jogo. No entanto, defende como importante a análise do caso da utilização do esporte em meio às mobilizações para a guerra e suas repercussões sobre a ampliação de determinadas práticas.

Seguindo na linha apontada por Mennell, Steven Pope (1997), defende que:

A campanha de preparação para a Primeira Guerra Mundial reforçou a expansão geográfica do futebol. Envolto em trajes patrióticos, o jogo tornou-se um terreno de formação para a cidadania e prontidão militar. Líderes de preparação trabalharam para transformar o futebol de um mero esporte de espectadores em uma base componente da educação cívica. [...] Joseph Lee, presidente do Associação de Recreação e Playgrounds da América [...] apontou para o futebol como sendo o mais adequado para a preparação para a guerra, devido ao seu cultivo de lealdade de equipe, o que poderia facilmente ser equiparado à lealdade nacional. [...] Discussões em tempo de guerra foram específicas sobre as qualidades físicas desejadas cultivadas pelo futebol, que preparou os homens jovens para a guerra. Professor da Faculdade Amherst, Raymond Gettell especificou ‘os elementos envolvidos em

²⁶ O futebol americano, inicialmente, apresentava características muito similares com o rúgbi inglês. As regras do jogo foram gradativamente alteradas ao longo das primeiras décadas do século XX e motivadas, em alguns momentos, por certas ocorrências. Em 1905, por exemplo, dezoito jogadores universitários foram mortos e mais 159 ficaram gravemente feridos em partidas de futebol americano. Nesse mesmo ano, o então presidente Roosevelt ameaçou proibir a prática por decreto nacional, tamanha a repercussão dos aspectos violentos de um jogo realizado entre Pensilvânia e Swarthmore que foi categorizado como “sangrento”. Como resposta a essa ameaça, em 1906 foram feitas alterações nas regras, introduzindo-se o passe para a frente, que afastou definitivamente o esporte americano de suas raízes inglesas. (WADDINGTON; RODERICK, 1996). Para informações mais detalhadas sobre as alterações nas regras do futebol americano, ver o artigo “American Exceptionalism: Soccer and American Football” de Ivan Waddington and Martin Roderick (1996).

qualquer luta pela supremacia física’, e identificou ‘força, velocidade, habilidade e astúcia’ como as mais importantes desenvolvidas pelo futebol (POPE, 1997, p. 93-94).

Entretanto, a *Army Athletic Division*, seção responsável pela organização das atividades esportivas no interior do *US Army*, não apresentou como objetivo inicial a criação do programa de futebol em serviço com formação de ligas em todos os níveis militares com competições entre campos ou com universidades. Em 1919, por exemplo, em relatório redigido por Joseph Raycroft, presidente da *Army Athletic Division*, não se enfatiza o programa de futebol em serviço como uma questão importante. Na verdade, ele sequer chega a mencionar essa modalidade. Raycroft não se colocava contra o futebol americano, mas defendia que o boxe seria o esporte que deveria ser mais enfatizado, tendo-se como referência a experiência desenvolvida pelos britânicos (MENNELL, 1989). O autor ainda aponta que:

O Boletim n ° 50 do Departamento de Guerra informou aos dirigentes esportivos sua política básica: ‘Experiência no *front* têm mostrado que o conhecimento de boxe é um fator importante no desenvolvimento da agressão hábil no combate de baioneta.’ Outros esportes eram utilizados nos acampamentos do Exército apenas como construtores de moral (MENNELL, 1989, p. 252).

Não foram empreendidos esforços pela Divisão Atlética do Exército, presidida por Raycroft, para contratar treinadores de futebol americano ou formar ligas dessa modalidade. Já para o boxe, modalidade defendida como mais útil naquele momento para o serviço militar, foi efetivada a busca por um “boxeador habilidoso” para ajudar na instrução nos campos. Outro ponto apresentado por Mennell como argumento para a Divisão Atlética não se empenhar para desenvolver o futebol americano era o fato de ser muito caro fornecer os equipamentos necessários para a prática a todos os soldados. Normalmente, dependia-se de doações para conseguir os materiais. O programa de treinamento atlético e recreação era ainda bastante recente no *US Army* e, por essa razão, a Divisão Atlética se empenhou em desenvolver a prática do boxe de forma mais generalizada e deixou os esportes recreativos (como era considerado o futebol americano) como responsabilidade dos diretores de cada campo. Nesse sentido, não havia nenhuma diretriz política oficial da Divisão Atlética para se criar um programa de futebol em serviço. O surgimento de tal programa foi por ação específica dos campos, já que o futebol mostrou-se como uma prática já bem estabelecida, com um corpo de técnicos e funcionários qualificados dispostos a ajudar. Além disso, os soldados e marinheiros apresentavam grande interesse e entusiasmo pelo jogo. Como consequência, começaram a surgir oportunidades de promover jogos com faculdades e outros campos em grandes estádios. Foi com grande rapidez que as equipes dos acampamentos tornaram-se

organizadas, equipadas e prontas para jogar uma temporada completa de futebol americano (MENNELL, 1989).

Walter Camp, o diretor atlético da Marinha, estava sob as mesmas restrições de Raycroft e seu programa para a Divisão Atlética da *US Navy* não era essencialmente diferente do que Raycroft desenvolvia na Divisão Atlética do Exército. No entanto, parece que Camp incentivava mais o programa de futebol em serviço. Raycroft, em sua narrativa sobre a história da Divisão Atlética, nem sequer mencionou o futebol americano como uma atividade relevante. Já Camp, em obra escrita no pós-guerra (*Athletes All*), afirmava que havia interesse por desenvolver jogos e competições dessa modalidade como recreação para os marinheiros, buscando promover formas de entretenimento e emoção. Começaram a ser realizados jogos fora dos campos, com equipes de universidades e entre as equipes dos campos (MENNELL, 1989).

Esse empenho maior de Walter Camp em estabelecer a prática do futebol americano entre os militares é também oriundo de sua grande proximidade com esse esporte. Camp foi um dos mais importantes esportistas dessa modalidade em seu tempo e é considerado o principal responsável pela normatização da prática nos moldes que ela é jogada até os dias atuais, tendo participado das primeiras partidas nos EUA ainda no século XIX e atuado nos processos de reformulação e criação das regras para o futebol americano (WCCF, 2015).

Além dos aspectos recreativos, outro ponto foi enfatizado por Camp na defesa dessa modalidade: a natural rivalidade entre soldados e marinheiros, que poderia ser utilizada para a promoção de jogos de futebol americano atraentes entre as equipes dos campos do Exército e das Estações Navais. Em 1917, Camp iniciou a organização dos jogos escrevendo para Raycroft pedindo autorização para que o time do Exército pudesse jogar. Seguiu para a seleção de um estádio com data disponível, sendo escolhido o *Yale Bowl*. Então, passou para a divulgação e promoção do evento na imprensa. Em carta redigida em meio às organizações com o objetivo de convocar o maior público possível, Walter Camp afirmou que aquele evento seria a primeira real grande competição entre Exército e Marinha envolvendo jogadores de todo o país. A promoção de jogos como esses, não somente entre os militares mas também com as equipes das universidades, foi compreendida como um grande contribuinte para a divulgação da prática (MENNELL, 1989).

É preciso, no entanto, relativizar a colocação com relação a esse evento de 1917 ser a primeira grande competição entre Exército e Marinha. Estabelecendo um levantamento na base de dados da *Library of Congress* no catálogo *Chronicling America – Historic American Newspapers*, que apresenta um acervo de consulta *on-line* para o período de 1836 a 1922 com sistema de busca por palavra-chave, foram identificadas notícias em periódicos de diferentes regiões dos EUA noticiando jogos entre militares do *US Army* e da *US Navy* e competições com equipes de universidades desde o século XIX. As ocorrências se intensificam consideravelmente no século XX, mas desde a década de 1890 a imprensa estadunidense dedicava espaço para noticiar processos

de organização de competições esportivas entre os militares, especialmente aquelas efetivadas entre suas escolas de formação.²⁷

Para ilustrar essa afirmativa, apresento abaixo a transcrição traduzida de notícia publicada no jornal “The Sun” em 29 de novembro de 1890 em que se comenta a realização da primeira competição esportiva entre militares da Academia de West Point (*US Army*) e de Annapolis (*US Navy*).

O jogo de futebol de cadetes

O jogo de futebol mais marcante do ano, em alguns aspectos é o estabelecido para hoje em West Point entre os cadetes da Academia Militar e os cadetes da Academia Naval.

Os espectadores não serão numerosos como as multidões em Eastern Park e em Springfield. Pode não ser tão brilhante em bloqueio e desarme, passes e jogos, mergulhos através da linha ou correndo em torno das extremidades, como nas poderosas lutas de Harvard com Yale e de Yale com Princeton. Na verdade, os jovens de Annapolis, que tiveram uma grande experiência e esperam para fazer um jogo animado com os rapazes de West Point, foram derrotados na última quinta-feira, em uma pontuação de 24 a 4, em seu próprio campo, por Lehigh, que está na segunda divisão de futebol da faculdade.

Mas o que torna este jogo memorável é que ele marca a entrada dessas duas escolas do governo no campo de competições atléticas com o outro. Eles se desprendem de velhas ideias e observâncias tradicionais. Com um jogo de futebol realizado e um duo de jogo de volta no próximo ano, não há nenhuma razão para o baseball não seguir com jogos entre as duas academias na próxima primavera e, em seguida, uma competição anual em vários exercícios de atletismo.

Tudo isso faria uma mudança na relação social das Academias de West Point e Annapolis, que até então não tinham muito mais a ver com o outro do que se eles pertencessem a diferentes países. Sob as velhas noções, competições em esportes encontraram pouco favor entre os líderes militares. A mudança começou quando as equipes do Exército participaram das competições de rifle em Creedmoor. Desde que a fixação de tais competições no próprio Exército, com distintivos e medalhas fornecidos pelo Governo, foi apenas um passo; E na medida em que o plano militar foi seguido em ter oficiais e homens competindo em pé de igualdade, as competições de rifle tornaram-se decididamente a instituição mais democrática do exército. Mesmo no tempo presente, recomendações são feitas ocasionalmente para o estabelecimento de competições separadas para oficiais e soldados, mas esta mudança não foi feita. Quanto à

²⁷ Para a consulta na base de dados, foi utilizada a combinação de três palavras: *army, navy, game*.

Academia Naval, tem por vários anos mantido times de baseball e de futebol que disputavam *nines* e *elevens*²⁸ com universitários vizinhos e escolas.

O jogo de cadetes do exército e da marinha é, portanto, um desenvolvimento tão natural a partir desses costumes modernos que, atualmente, a única surpresa é como não foi estabelecido há muito tempo. Este jogo anual, com as suas exigências severas sobre a força, coragem, rapidez e habilidade, em breve vai atrair grande interesse popular, enquanto os oficiais que trocaram a escola para servir em navios ou fortes vão se interessar por ele como o que estão sentindo os antigos universitários graduados sobre as fortunas do futebol do vermelho, do azul e do laranja e preto.^{29, 30}

Como é possível identificar na transcrição da notícia, esse jogo realizado em 1890 é considerado como um grande responsável não somente por introduzir as escolas de formação militar das Forças Armadas dos EUA no panorama de competições esportivas daquele momento mas também por aproximar as relações entre as duas instituições. Nesse sentido, o esporte assumiu um papel importante nas interações políticas entre as forças e também na relação com as universidades e escolas civis. Importante destacar a afirmativa de que, em concepções mais tradicionais das FA, as competições esportivas não recebiam muito apoio das lideranças militares. No entanto, no momento de produção daquela notícia, o autor defende que as forças haviam finalmente se rendido aos “costumes modernos”, apresentando também o argumento da modernidade para a defesa dessas práticas assim como no caso brasileiro.

O estabelecimento de uma competição de futebol americano periódica entre os cadetes de West Point e Annapolis, com suas exigências de “força, coragem, rapidez e habilidade”, foi compreendida pelo autor como um primeiro passo, com a indicação de que em período próximo poderiam ser implementadas também competições de basebol e atletismo. As características necessárias para a prática do esporte apontadas pelo autor nesse artigo de 1890 coincidem, em parte, com os atributos indicados como desejáveis de serem desenvolvidos nos militares com as atividades estabelecidas pelo *Manual of Physical Training* do *US Army* publicado em 1914, que eram “(a) de saúde geral e vigor físico; (b) a força muscular e resistência; (c) a autossuficiência; (d) esperteza, atividade e precisão”.³¹

A previsão do autor com relação ao estabelecimento de competições em outras modalidades entre os militares estadunidenses efetivamente

²⁸ *Nines* e *elevens* é uma referência aos jogos de *baseball* (9 jogadores) e *football* (11 jogadores).

²⁹ A indicação ao vermelho, azul e laranja e preto é uma referência direta às universidades citadas no texto e as cores de seus brasões: vermelho – Harvard, azul – Yale, laranja e preto – Princeton.

³⁰ *The Sun*, 29 de novembro de 1890, p. 6.

³¹ *Manual of Physical Training* - United States Army - 1914 - War Department, Document No. 436. Office of the Chief of Staff, p. 3.

se confirmou ao longo da virada do século XIX e anos iniciais do XX. Em 1895, por exemplo, publicou-se no jornal “Evening star” no dia 03 de maio uma notícia informando o processo de organização e o calendário de competições da *Departmental Base Ball League* a ser realizado naquele ano. A Liga era composta por times dos seguintes departamentos do governo: Exército e Marinha, Departamento do Tesouro, Escritório de Pensões, Departamento de Correios, Escritório de Imprensa do Governo, Comissários Distritais, Escritórios de Imprensa e Gravuras, Correios da cidade e Infantaria Leve de Washington. Observa-se que, no caso dessa competição, o time era formado por um combinado de Exército e Marinha como representação das Forças Armadas.³²

As ocorrências mais frequentes nas notícias localizadas entre 1890 e 1917 ainda eram sobre as competições de futebol americano entre Exército e Marinha. Em matéria publicada no “Los Angeles Herald” em novembro de 1910, foi publicado um histórico da competição entre as duas Forças desde sua primeira edição, em 1890, até aquele momento. Na análise das preparações dos dois times para o evento, destacou-se uma comparação entre a média de peso dos atletas da Marinha e do Exército. Além disso, afirmou-se que:

[...] pela primeira vez em vários anos, o encontro entre o Exército e a Marinha deve resultar em uma competição de futebol real. Até então as duas equipes das academias nacionais têm sido muito parecidas com os times de escolas preparatórias. A própria fama do futebol foi subordinado ao fim social. O verdadeiro show não eram os jogadores, mas a multidão de pessoas de destaque no exército e marinha, o serviço diplomático e do mundo sociedade de Nova York, Filadélfia e Washington. Estes elementos serão representados em números fortes neste tempo, mas, além disso as duas academias estão preparados para jogar um bom futebol .

É difícil escolher entre os dois *elevens*. Provavelmente, nunca desde que estes jogos começaram, tiveram as duas equipes tão equilibradas. A Marinha fez, talvez, o melhor registro até a data, em que a sua linha de meta não foi cruzada nem tem qualquer objetivo feito a partir de campo. Ao mesmo tempo, a Marinha não tem jogado muito com equipes fortes como o Exército. Yale e Harvard são as únicas equipes que foram capazes de marcar em West Point até o momento.

[...]

Até o momento, o Exército e a Marinha realizaram quatorze jogos. Destes, o Exército ganhou sete, a Marinha seis e um jogo foi um empate. A série foi iniciada em 1890 e interrompida em 1893. Através dos escritórios da Universidade da Pensilvânia, os jogos foram retomados em 1899 no campo de Franklin. Eles tem sido jogados todos os anos desde então [...]³³

³² Evening star, 03 de maio de 1895, p. 11.

³³ Los Angeles herald, 26 de novembro de 1910, p. 8.

Essas informações nos apontam como o esporte (mais especificamente o futebol americano) passou a fazer parte do cotidiano das escolas de formação das FA dos EUA desde 1890. Nas fontes analisadas, não foram localizados registros de competições em outros níveis das FA ou uma estruturação de ligas esportivas organizando a prática, como ocorreu no Brasil a partir de 1915. A organização dos jogos entre *US Army* e *US Navy* era responsabilidade das escolas de West Point e Annapolis com mediação da Universidade da Pensilvânia, conforme relatado no “Los Angeles herald” de 26 de novembro de 1910.³⁴

Como pontuado anteriormente, no caso brasileiro também foi estabelecida uma competição sistemática entre EB e MB nos anos iniciais de atuação das Ligas Esportivas Militares, aos moldes da competição de futebol americano estabelecido entre os militares estadunidenses: a Taça Flamengo. Ao longo do final da década de 1910 e anos iniciais da década de 1920, as Ligas de EB e MB também organizaram competições atléticas entre suas escolas de formação e entre quartéis e navios, seguindo uma organização de competições intra-forças e inter-forças, assim como nas FA dos Estados Unidos (CANCELLA, 2014).

No processo de preparação para a participação na Primeira Guerra, outras modalidades começaram a fazer parte do panorama esportivo das FA estadunidenses por diferentes meios. O tradicional jogo de futebol americano realizado entre West Point e Annapolis desde o século XIX foi alvo de polêmicas em 1917, com argumentos contrários à sua realização pelo tempo de preparação e gastos que seriam gerados. O jornal “Evening public ledger”, de 26 de junho de 1917, informou que:

O jogo de futebol do Exército e da Marinha não vai ser realizado este ano. Por despacho do Secretário de Guerra Baker hoje todos os jogos atléticos entre indivíduos e equipes representando West Point e outras faculdades estão abolidos para este ano civil. Haverá competições dentro da academia, mas o secretário defende que jogos fora tomariam muito tempo e atenção dos cadetes que devem se concentrar em preparar-se para o campo.³⁵

Ainda em setembro daquele ano a polêmica prosseguia. Newton Baker, secretário da guerra estadunidense:

[...] declarou que ele foi oposição quanto a ser realizada a competição, mesmo com a finalidade de angariar fundos para a guerra.

Sr. Baker explicou que o jogo *Army-Navy* tinha sido discutido por ele com o secretário Daniels e coronel Palmer Pierce, chefe da *National Collegiate Athletic Association*. A decisão tomada foi a de que, até agora, como West Point e Annapolis estavam preocupados, cada grama de energia

³⁴ Los Angeles herald, 26 de novembro de 1910, p. 8.

³⁵ Evening public ledger, 26 de junho de 1917, p. 1.

deveria ser empregada para o prosseguimento da guerra, mesmo com o sacrifício temporário dos jogos atléticos.

[...]

Baker também apontou que o sentimento entre West Point e Annapolis foi, naturalmente, [...] que o jogo de futebol envolveria muito treinamento e preparação. Ele não acha que esta energia deva ser dedicada a esta hora ainda que para a vantagem de criar um fundo de guerra.³⁶

No entanto, apesar dos posicionamentos contrários de algumas autoridades, as discussões seguiram e em outubro foi publicada uma notícia de que:

[...] o jogo de futebol entre Exército e Marinha provavelmente será realizado este ano: altos funcionários são favoráveis ao combate. Times em serviço provavelmente vão jogar em Nova York em 24 de novembro, quando o secretário Baker der o seu consentimento [...] ³⁷

Os argumentos utilizados indicavam que:

Grandes autoridades de ambos os ramos do serviço estão trabalhando duro para realizá-lo e nos últimos relatórios, os poderes estão se colocando favoravelmente para a batalha anual. Diz-se que o secretário de Guerra Baker quase está convencido de que seria uma coisa boa, e quando ele der o seu consentimento, o anúncio formal será feito. Isto é esperado dentro das próximas duas semanas.[...]

Os vários campos e estações navais estão representados no campo de futebol e os jogos estão sendo jogados a cada semana. Os fuzileiros navais, com Eddie, Mahan e Gravy Williams, vão viajar para Allentown no próximo sábado para jogar com o Corpo de Ambulância que está estacionado lá, e vale a pena ver o combate. Estas equipes estão a serviço, e se eles estão autorizados a jogar juntos, por que discriminar os acadêmicos do exército e navais?³⁸

A permanência da proposta de realização do jogo com o envolvimento de autoridades em defesa do evento denota como essas atividades já eram compreendidas como um aspecto importante da vivência dos militares e do calendário esportivo das Forças Armadas dos EUA.

O esporte foi também elemento importante no processo de preparação dos militares estadunidenses para a atuação no *front* da Primeira Guerra. Os campos de treinamento tanto do *US Army* como da *US Navy* utilizaram as práticas esportivas como instrumento de

³⁶ Chicago eagle, 29 de setembro de 1917, p. 9.

³⁷ Evening public ledger, 24 de outubro de 1917, p. 16.

³⁸ Evening public ledger, 24 de outubro de 1917, p. 16.

treinamento funcional de seus militares e também para ações de recreação e celebração. O *Camp Lewis*, primeiro quartel para formação de recrutas estabelecido pelo *US Army* e fundado em 1917 em Tacoma (Washington),³⁹ realizou inúmeros eventos e atividades esportivas com os militares ali aquartelados (DPTMS, 2013).

Outras modalidades passaram a fazer parte do cotidiano das FA estadunidenses naquele momento de mobilização, especialmente pelo ingresso de inúmeros atletas de importantes times das ligas esportivas dos EUA como reservistas tanto na Marinha como no Exército. Um dos exemplos é o golfe, que passou a ter representantes militares em competições, como se vê na notícia transcrita a seguir:

Golfistas do Exército jogam hoje

A equipe de golfistas do Tacoma Country & Golf Club estará jogando com uma equipe de oficiais de Camp Lewis hoje no Country Club Course na primeira partida de golfe da temporada em que uma equipe do acampamento participou. Cerca de 20 jogadores estarão em cada lado. O time perdedor vai pagar o jantar ao vencedor no clube no final da tarde.⁴⁰

A mobilização militar e o estabelecimento dos campos de treinamento, como o *Camp Lewis*, influenciaram na dinâmica social da vida dos estadunidenses. Foi realizada uma intensa propaganda de convocação para ingresso nas FA e muitos esportistas importantes atenderam ao apelo. Esse aspecto foi amplamente divulgado pela mídia e sempre enfatizado de forma elogiosa a opção de atletas buscarem o alistamento na Marinha e no Exército. O jornal “The Tacoma Times” publicou em 29 de novembro de 1917 uma fotografia de um boxeador acompanhado da seguinte legenda “Frankie Sullivan, inteligente boxeador português-mexicano, se reunirá a Bert Forbes, novo soldado do acampamento Lewis, em um dos principais eventos do Eagles Smoker de hoje à noite”.⁴¹ O mesmo jornal ainda deu destaque nessa edição aos eventos esportivos que seriam realizados em comemoração ao Dia de Ação de Graças:

A proximidade com os atletas nos campos de treinamento destacado no trecho acima foi bastante enfatizada pela imprensa ao longo dos anos de 1917 e 1918. Nomes importantes do esporte estadunidense, tanto atletas como técnicos, passaram a integrar os quadros das FA naquele momento e esse fato foi utilizado para fazer campanhas de convocação por meio das notícias dos jornais:

Muitos Atletas famosos nas escolas de treinamento
Annapolis. Maryland. 30 de março. Oficiais do Corpo de Reserva da Marinha, passam agora por um curso de treinamento intensivo na Academia Naval que irá prepará-

³⁹ Segundo o site do *Directorate of Plans, Training, Mobilization and Security*, o *Camp Lewis* foi o maior posto militar nos EUA na época. (DPTMS, 2013).

⁴⁰ The Tacoma times, 29 de novembro de 1917, p. 6.

⁴¹ The Tacoma times, 29 de novembro de 1917, p. 6.

los para o serviço ativo no mar ou ao longo das linhas. As classes, que serão aumentadas para mais de 1.000 dentro das próximas semanas, começaram o trabalho ativo nos principais ramos de baseball, remo e atletismo.

Aliás, uma série de reservistas são ex-estrelas do universo atlético das diferentes universidades e faculdades.

Os planos são colocar os jovens oficiais para competir com os aspirantes em todos estes esportes.⁴²

Até mesmo atletas estadunidenses que estavam fora do país solicitaram autorização para ingresso nas FA, como no caso de Jack Johnson, o ex-campeão dos pesos pesados de boxe, que era considerado um fugitivo da justiça nos Estados Unidos e estava em Madrid.⁴³ O boxeador escreveu carta ao capitão E. H. La Guardia, congressista de Nova York, dizendo que estava disposto a lutar e morrer pela América e “pediu ao capitão La Guardia para fazer o que puder para que ele possa se alistar no exército americano, dizendo que nenhum trabalho será muito difícil para ele. A carta foi encaminhada para o ajudante geral”.⁴⁴ O Jornal “The Kansas City sun” publicou em 29 de junho de 1918 na capa a notícia: “Jack Johnson é proibido de entrar no exército”. O texto da notícia explica a decisão:

O deputado La Guardia falou sobre o pugilista de cor e ex-campeão do mundo para o gabinete do ajudante geral aqui. O Ajudante Geral é um sulista, agradável às velhas ideias preconceituosas do Sul com respeito à raça e para a qual o casamento ou a associação de um homem de cor com uma mulher branca é um pecado imperdoável e o mais negro dos crimes. Afirma-se que, quando as autoridades daqui ouviram falar dele, prontamente declararam que uma solicitação de Jack para entrar no exército não seria aprovada, por isso o desejo patriótico de Jack para servir o seu país não deve se realizar. Se Jack fizer o caminho para a França e se alistar, desconhecido,

⁴² The Washington herald, 31 de março de 1918, p. 12.

⁴³ Jack Johnson foi o primeiro negro campeão mundial dos pesos pesados no boxe, título conquistado em 1908. “O lendário pugilista foi condenado em 1913 a um ano de prisão por tráfico interestadual de uma mulher branca, mas na verdade ele apenas viajava com a sua própria esposa. Agora, a família do boxeador recorreu a uma campanha no Youtube para mobilizar as autoridades e restaurar o orgulho. No vídeo divulgado pela internet, a sobrinha-neta de Johnson, Linda Haywood, aparece discursando para a comunidade de Galveston, no Texas, cidade natal do pugilista. ‘Por muitos anos, minha família se envergonhou com o fato de meu tio ter ido para a prisão por essas razões’, argumentou, lembrando que o pugilista foi condenado por um júri composto apenas por brancos. A família de Johnson também tentou convencer o ex-presidente George W. Bush a conceder o perdão póstumo, sem sucesso. Diante do primeiro presidente afro-americano da história, eles acharam que a missão seria cumprida. No entanto, nem a campanha feita no Senado pelo republicano John McCain sensibilizou Obama a atendê-los. O Departamento de Justiça dos Estados Unidos, órgão responsável por esse tipo de solicitação, alegou que há prioridade aos pedidos de clemência a pessoas vivas e que possam usufruir do perdão, já que o processo é demorado.” (UOL, 2013).

⁴⁴ New-York tribune, 13 de junho de 1918, p. 12.

sob um nome falso, como milhares fizeram na guerra civil e que, sem dúvida, centenas fizeram nesta guerra, e ganhar a Cruz de Guerra, como fizeram Johnson e Roberts, por algum arrojado feito heroico, é possível que suas ‘indiscrições da juventude’ seriam esquecidas e os Estados Unidos poderiam estender o exílio a uma recepção de volta para casa.⁴⁵

A questão racial não é um foco de análise neste artigo, mas é interessante observar como ainda persistiam decisões e posicionamentos políticos definidos com base na raça (ou nas relações inter-raciais) no século XX nos Estados Unidos.

O ingresso de outro boxeador no quadro das FA também recebeu destaque da imprensa. Johnny Kilbane, campeão mundial dos pesos pena, ingressou como tenente no *US Army* em outubro de 1917 e foi designado para o *Camp Sherman* como instrutor de boxe e baioneta (JK, 2013). Em abril de 1918, foi publicada matéria sobre as pretensões de Kilbane de estabelecer um sistema de treinamento padronizado para todos os campos do Exército. Os objetivos do boxeador, apresentados em reunião em Washington com o Secretário da Guerra Baker, envolviam o desenvolvimento de um processo de treinamento baseado no aprendizado de três golpes principais “*jabs* de esquerda em linha reta, seguido de *uppercut* de direita sobre o estômago e gancho de esquerda no queixo”.⁴⁶ Kilbane buscava junto às autoridades militares a autorização para a definição de assistentes em todos os campos para aplicarem seu sistema de treinamento. O esportista defendia que o boxe era “um agente vital na disciplina de um grande exército”.⁴⁷ Na notícia, ainda foi dedicado espaço para enaltecer a virilidade do boxeador e seu patriotismo, ao abrir mão de uma vida cercada pelo glamour para servir à nação, como destacado nos trechos a seguir:

Cento e vinte e seis libras de perfeita masculinidade, cujo corte de roupa de saco da guarnição esconde o poder inquieto que comanda respeito e admiração de todos os oficiais e do pessoal que usa o cáqui militar no Camp Sherman, Chillicothe. [...]

Aqueles que passaram a ver o seu sorriso simpático e sua verdadeira sagacidade reconheceram Johnny Kilbane, campeão mundial dos pesos pena. Mas todo o glamour que se passa com tal distinção não desempenha nenhum papel na vida diária presente do campeão. Sacrificando a ambição de uma vida com promessas de ainda maiores riquezas, ele está entre os soldados de Camp Sherman como John Patrick Kilbane, patriota. Quando a guerra estourou Kilbane era um campeão de boxe cujo toque parecia rivalizar com o de Midas e cuja vida limpa, bons

⁴⁵ The Kansas City sun, 29 de junho de 1918, p. 1.

⁴⁶ COPELAND, B. Kilbane Has Plan to Standardize System of Boxing in Army Camps. The evening world, 22 de abril de 1918, p. 11.

⁴⁷ COPELAND, B. Kilbane Has Plan to Standardize System of Boxing in Army Camps. The evening world, 22 de abril de 1918, p. 11.

costumes e personalidade vencedora sempre manteve o bom nome do esporte. Ele era dotado de inteligência [...] e instintos de luta de um verdadeiro filho da Irlanda que fizeram dele um favorito nacional. Com os Estados Unidos na guerra, tornou-se determinação de todos os americanos ganhar o mesmo impulso patriótico que moveu John Kilbane a abandonar seu modo de vida. E seja o primeiro entre os campeões de boxe para voluntariar seu serviço em direção à vitória. [...] ⁴⁸

A estruturação de um discurso em torno dos benefícios que a prática do boxe traria para a formação dos soldados foi algo bastante presente no *US Army*, conforme aponta Mennell (1989). Os relatos apresentados no periódico sobre a atuação de Kilbane no campo de treinamento e seus objetivos de generalizar e uniformizar o boxe para todos os campos corroboram as afirmativas do autor. Nesse sentido, o boxe era compreendido como um esporte utilitário para os militares, conforme apontado no trecho que se segue:

[...] Camp Sherman enviou milhares de jovens combatentes viris para bem defender as forças ao longo da frente francesa, alguns dos quais nunca souberam como usar suas mãos com inteligência, exceto para ganhar a vida. Mas, como um oficial do exército bem conhecido disse após examinar o soldado antes da sua partida, ‘Deus tenha piedade daqueles que encontrem a esses homens no *hand to head*’ e a única razão disto é Johnny Kilbane.[...]

⁴⁹

John Kilbane ainda apresentava preocupações com os diferentes tipos de treinamento estabelecidos nos campos, considerando uma das maiores fragilidades naquele momento. Seu plano era então padronizar as formas de preparação dos militares não somente nos campos do Exército mas também nos navais. O ex-campeão tinha visões ainda mais amplas sobre isso, defendendo um treinamento de boxe universal nas escolas públicas:

[...] como forma de tornar os homens e as mulheres mais resistentes. Ele tem treinado seus próprios filhos para ser absolutamente autossuficientes, e acredita que cada menino e menina no país deve ser treinado desde cedo para cuidar de si mesmo.⁵⁰

‘A ideia de alguns instrutores de boxe em participar de lutas enquanto deveriam estar dando o seu serviço ao país é muito além de mim’, disse. ‘Eu tenho tudo e o que posso fazer é dar todo o meu tempo para os soldados. Eu mal

⁴⁸ COPELAND, B. Kilbane Has Plan to Standardize System of Boxing in Army Camps. *The evening world*, 22 de abril de 1918, p. 11.

⁴⁹ COPELAND, B. Kilbane Has Plan to Standardize System of Boxing in Army Camps. *The evening world*, 22 de abril de 1918, p. 11.

⁵⁰ COPELAND, B. Kilbane Has Plan to Standardize System of Boxing in Army Camps. *The evening world*, 22 de abril de 1918, p. 11 (grifo da fonte).

tenho todo o tempo que o trabalho exige e quando o meu dia de trabalho está feito, acredite em mim, estou pronto para ir para a cama’.

Johnny Kilbane é todo homem. Ele é um cidadão do qual a grande cidade de Cleveland está orgulhosa. Ele se faz por si mesmo, é limpo e o que o mundo do desporto classifica como cavalheiresco agressivo. [...].⁵¹

Sobre essa última colocação de Kilbane, seus registros de lutas apontam que, durante o período em que esteve servindo ao Exército, o esportista não se envolveu em disputas, havendo um intervalo de quase dois anos entre julho de 1917, quando lutou contra Benny Leonard, e março de 1919, em seu retorno aos combates contra Frankie Brown (BoxRec, 2013).

Na mesma linha de defesa de prática de modalidades consideradas “utilitárias”, no caso da *US Navy*, no ambiente da mobilização para a guerra, o esporte que recebeu destaque foi a natação. Em 31 de março de 1918, o “The Washington herald” publicou matéria intitulada “Marinheiros sendo ensinados a nadar”. A notícia apontava que:

Cada marinheiro nas diversas estações de treinamento em todo o país deve ser ensinado a nadar como uma necessidade militar, de acordo com planos anunciados hoje por Walter Camp, Diretor-geral do Atletismo do Departamento da Marinha na Comissão de Atividades de Treinamento de Campo.

Em uma pesquisa com as estações de treinamento, o diretor Camp descobriu que quase 50 por cento dos marinheiros são incapazes de nadar. Essa condição, diz ele, embora alarmante, é facilmente explicada na medida em que a maioria dos homens têm tido pouca oportunidade no sentido que eles vieram de comunidades e cidades onde as instalações para desportos aquáticos não estão disponíveis.

Dois métodos estão sendo empregados nas estações navais para ensinar os marinheiros a nadar. Um deles é na água, o natural, e o outro em terra seca. Para um novato a ideia de um homem aprender a nadar em terra parece ridícula, mas ele provou ser um dos melhores meios de condicionamento dos homens para o curso de instrução de água que se segue e completa a sua formação.

‘A natação é um dos poucos exercícios que tendem em direção a um excelente e mais uniforme desenvolvimento físico’ declara o Diretor Camp. ‘Ela produz um nítido contorno de corpo flexível onde outros esportes só desenvolvem uma das partes. Além disso, a natação está quase sem um rival como um esporte lucrativo, para onde o homem vai que não prefere um mergulho na arrebentação do que qualquer outra forma de recreação em um dia quente de verão?’ ‘Cada marinheiro deve ser

⁵¹ COPELAND, B. Kilbane Has Plan to Standardize System of Boxing in Army Camps. The evening world, 22 de abril de 1918, p. 11.

ensinado a nadar’, diretor Camp conclui. ‘É imperativo. Um marinheiro que não sabe nadar é como um carpinteiro que não sabe como usar um martelo’⁵².

Nesses aspectos de esportes “utilitários”, é importante observar que tanto as FA brasileiras como as estadunidenses elegeram práticas esportivas que consideravam com maiores benefícios para o exercício militar. No caso do Brasil, conforme já comentado anteriormente, foram inicialmente adotados o futebol pelo EB e o remo pela MB como os esportes com maiores contribuições para o desenvolvimento das habilidades desejadas. Já no caso dos EUA, como discutido logo acima, essas práticas “utilitárias” foram o boxe na *US Army* e a natação na *US Navy*.

Outro ponto de distinção entre os dois casos comparados foi no que se refere ao enfoque de alguns veículos de imprensa sobre a relação “militarismo e esporte”. Enquanto no caso brasileiro as observações apontaram para um destaque maior do “militar” que apresentava bom rendimento esportivo, por exemplo o caso do Tenente Benjamin Sodré nos clubes de futebol no Rio de Janeiro, nos EUA o enfoque se dava no “esportista” que abria mão do glamour e das benesses garantidas pelo bom rendimento para o ingresso nas FA, exaltando a ação como um feito patriótico, como o caso de Johnny Kilbane.

Considerações finais

Sobre as discussões apresentadas nesse artigo, é possível apontar que as análises evidenciaram uma atuação dos militares brasileiros no fomento das práticas esportivas tanto no meio militar como no civil, assumindo o papel de esportistas e dirigentes em entidades. No Brasil, a prática do esporte entre os militares foi primariamente compreendida no aspecto da preparação do físico e como elemento de treinamento de habilidades funcionais vistas como necessárias ao exercício militar. Não havia a concepção da utilização do esporte em momentos de conflito, como ocorrido no caso estadunidense, conforme apontado no caso da participação brasileira com a Divisão Naval de Operações de Guerra e a interrupção de todo o calendário esportivo da Liga de *Sports* da Marinha.

Pode-se considerar também que o não-envolvimento direto das FA brasileiras em conflitos armados ao longo dos anos finais do século XIX e iniciais do século XX proporcionou uma organização interna das instituições mais voltada ao processo de reestruturação, modernização das formas de treinamento e reaparelhamento militar com foco em se mostrar preparadas e potentes para o caso de ocorrência de conflito, mas por não vivenciarem a experiência bélica efetivamente, não se estabeleceram critérios ou preocupações com as atividades de tempo livre dos militares em períodos de mobilização e confronto, por exemplo.

O esporte foi amplamente defendido como elemento importante para o desenvolvimento físico do pessoal militar, sendo também presentes inferências que apontavam os benefícios morais da prática. No

⁵² The Washington herald, 31 de março de 1918, p. 12.

entanto, na análise comparativa entre Brasil e EUA foi possível identificar ênfases argumentativas diferenciadas, apesar de serem identificados nos dois casos tanto o aspecto físico e técnico como o moral. O envolvimento das FA estadunidenses em conflitos internacionais e ocupações militares nas últimas décadas do XIX e primeiras décadas do século XX fomentou a criação de argumentos defendendo a organização de atividades esportivas entre os militares em combate como forma de manutenção do controle do tempo livre e estímulo de características competitivas vistas como úteis nas batalhas. As preocupações mais frequentes residiam em como desenvolver, por meio da prática esportiva, aspectos ligados à moralidade e masculinidade nos militares.

O esporte assumiu, portanto, diferentes papéis entre os militares dos dois países de acordo com as necessidades de cada uma das instituições em seus contextos específicos de atuação. Seja como ferramenta utilitária de preparação do corpo e desenvolvimento de habilidades funcionais, seja como elemento de fortalecimento da moral e da masculinidade, é inegável a já constante presença das práticas esportivas no cotidiano das Forças Armadas de Brasil e Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, fenômeno que somente se ampliou ao longo daquele século e do seguinte chegando ao patamar de realização de megaeventos esportivos exclusivos para as FA, como o caso dos Jogos Mundiais Militares organizados desde 1995 pelo Conselho Internacional do Esporte Militar (CISM - *Conseil International du Sport Militaire*).

Referências

ALMEIDA, F. Uma pequena esquadra brasileira recebe a missão de patrulhar submarinos alemães, mas é quase dizimada pela gripe espanhola. *Revista de História*. Publicado em out. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/desventuras-em-serie>>. Acesso 23 jan. 2015.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). *Os Presidentes e a República: Deodoro da Fonseca a Luiz Inácio Lula da Silva - 4a ed. revista e ampliada.* - Rio de Janeiro: O Arquivo, 2009.

BoxRec. *Johnny Kilbane*. Disponível em: <http://boxrec.com/list_bouts.php?human_id=011865&cat=boxer>. Acesso 10 dez. 2013.

CANCELLA, K. As Forças Armadas e os Jogos Esportivos do Centenário de 1922. In: 1922 Celebrações Esportivas do Centenário. MALAIA, J.; MELO, V. (Org.). *1922 Celebrações Esportivas do Centenário*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 118-141.

_____. *O esporte e as Forças Armadas na Primeira República: das atividades gymnásticas às participações em eventos esportivos internacionais (1890-1922)*. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História

Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. 219f.

_____. *O esporte e as Forças Armadas na Primeira República: das atividades gymnásticas às participações em eventos esportivos internacionais*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2014.

CARVALHO, J. *Forças Armadas e Política no Brasil*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

CASTRO, C. In corpore sano - os militares e a introdução da educação física no Brasil. *Antropolítica*, Niterói, RJ, nº 2, p. 61-78, 1º sem. 1997.

DPTMS - Directorate of Plans, Training, Mobilization and Security. *Camp Lewis, 1917-1919*. Disponível em: <<http://www.lewis-mcchord.army.mil/dptms/museum/camp.htm>>. Acesso 05 dez. 2013.

FRANZINI, F. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. (Org.). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009, p. 107-132.

GARRIDO, F.; LAGE, Â. O Esporte na Marinha do Brasil. In: DACOSTA, L.P. *Atlas do Esporte do Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

GEMS, G. Sport, Colonialism, and the Reconstruction of Nature. *Congress of the International Society for the History of Physical Education and Sport*. Montpellier, France, aug. 2001, p. 28-31.

JK - Johnny Kilbane. *Biography*. Disponível em: <<http://johnnykilbane.com/page2.html>>. Acesso 10 dez. 2013.

KARNAL, L. et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

MALAIÁ, J. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. 490 f.

MCCANN, F. *Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MENNELL, J. The Service Football Program of World War I: Its Impact on the Popularity of the Game. *Journal of Sport History*, v. 16, nº 3, Winter, 1989, p. 248-260.

PINHEIRO, Paulo Sergio; et al. *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano – Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Tomo III, Vol.

9, 8a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2006.

PINSKY, C. *Fontes Históricas*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

POPE, S. *Patriotic Games: Sporting Traditions in the American Imagination, 1876–1926*. New York: Oxford University Press, 1997.

RODRIGUES, R. A guerra como política ou a política na guerra. *Revista Brasileira de História Militar*. Ano II, n°. 4, Abril de 2011.

SEVCENKO, N. A Capital Irradiante: técnicas ritos e ritmos do Rio. In:_____. (Org.) *História da Vida Privada no Brasil - República: Da Belle Époque a Era do Rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 513-620.

SILVA, C.; MELO, V. Fabricando o soldado, forjando o cidadão: o doutor Eduardo Augusto Pereira de Abreu, a Guerra do Paraguai e a educação física no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n° 2, jun. 2011, p. 337-353.

SKOCPOL, T; SOMERS, M. The uses of comparative history in macrosocial inquiry. *Comparative Studies in Society and History*, v. 22, n° 2, 1980, p. 174-197.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. 2ª. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TERRET, T. Le Comité International Olympique et les “olympiades militaires” de 1919. *Olympika The International Journal of Olympic Studies*, v. VIII, 1999, p. 69-80.

UOL. *Sem perdão de Obama, família de boxeador condenado recorre ao Youtube*. Publicado em 03 de abril de 2013. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/boxe/ultimas-noticias/2013/04/03/sem-perdao-de-obama-familia-de-boxeador-condenado-recorre-ao-youtube.htm>>. Acesso 03 dez. 2013.

WADDINGTON, I; RODERICK, M. American Exceptionalism: Soccer and American Football. *The Sports Historian*, n°. 16, mai. 1996, p. 28-49.

WAKEFIELD, W. *Playing to win: sports and the American Military, 1898-1945*. Albany: State University of New York Press, 1997.

WCCF – Walter Camp Football Foundation. *The History of Walter Camp: 1859-1925*. Disponível em: <<http://waltercamp.org/history/>>. Acesso: 23 jan. 2015.

Recebido em 16 de outubro de 2015
Aprovado em 01 de dezembro de 2015